



GT 014. Antropologia das Emoções

Maria Claudia Pereira Coelho (ICS/UERJ) -
Coordenador/a, Ceres Victora (UFRGS) -
Coordenador/a, Eduardo Moura Pereira Oliveira
(Universidade do Estado do Rio de Janeiro) -
Debatedor/a, Raphael Bispo dos Santos (UFJF) -
Debatedor/a, Lara Beleli (Núcleo de estudos de
Gênero - Pagu/UNICAMP) - Debatedor/a

A antropologia das emoções vem se consolidando como área autônoma no Brasil há cerca de vinte anos. Ao longo desse percurso, podemos identificar um conjunto de temáticas agrupadas em torno de dois eixos principais: as temáticas ligadas a áreas da vida associadas à dimensão privada e as temáticas vinculadas ao mundo público. Para as primeiras, podemos arrolar problemas de pesquisa ligados ao corpo, à sexualidade ou a saúde/doença; para as segundas, listamos os movimentos sociais, a violência ou os universos profissionais/institucionais. Esse Grupo de Trabalho tem como proposta avançar na superação dessa dicotomia, incluindo em seus focos de interesse, ao lado do elenco já canônico de temáticas passíveis de abordagem pela antropologia das emoções, novos problemas concebidos sob a égide da reflexão sobre essa dicotomia. As principais temáticas a serem contempladas são: a) emoções e instituições/práticas estatais; b) emoções e políticas públicas; c) emoções, moral e formas do cuidado; d) emoções, violência e vitimização; e) emoções e movimentos sociais; f) emoções e discursos/práticas profissionais; g) corpo, sensorialidade e emoções; h) emoções, gênero e sexualidade; i) emoções e experiências de saúde/doença.

Medo, nostalgia e prazer na definição do comestível: rotas intersubjetivas de produção da legitimidade alimentar do queijo de leite cru

Autoria: Maria de Fátima Farias de Lima, Antônio Cristian Saraiva Paiva

O comestível é uma categoria social, elaborada na interação entre os grupos humanos com o meio que habitam e definido no complexo jogo da sobrevivência. Logo, os empenhos de manutenção da saúde do corpo passam pela (re)definição coletiva do que é seguro comer, um processo de compartilhamento de saberes nutricionais que afeta e é afetado por conteúdos morais e emocionais, acionados no interior das culturas. Este estudo objetiva, assim, investigar como as emoções vinculadas à nostalgia e ao prazer impactam a experiência alimentar e (des)legitimam o consumo de certas comidas, negociando com os medos de intoxicação ou contaminação que perpassam as escolhas na alimentação contemporânea. Para tanto, tomamos como fonte de reflexão a narrativa de produtores e comerciantes de queijo Coalho feito com leite cru, um produto frequentemente apresentado nas mídias locais como tradicional e regional, mas condenado pela atual legislação sanitária à condição de alimento perigoso ao consumo humano e mercadoria fora da lei. O work de campo que é a base desta tese foi realizado por meio de visitas regulares à Jaguaribe, no Ceará, entre julho de 2015 e abril de 2017. Uma pesquisa foi conduzida também em Fortaleza, capital do estado e principal polo consumidor do alimento abordado. De modo a compreender a amplitude da problemática que cerca os queijos de leite cru na atualidade, outras duas inserções em campo constituíram, ainda, as fontes de reflexão empírica desse estudo (em termos mais propriamente complementares, que comparativos): uma em Medeiros, Minas Gerais, sobre o queijo Canastra; e outra em Nottinghamshire, na Inglaterra, sobre o Stichelton. A análise das interpretações recolhidas nesses movimentos de campo dialoga com antropologia das emoções de David Le Breton, complementada pelos debates sobre corpo, comida e ansiedade alimentar desenvolvidos por Jean-Pierre Poulain e Jesus Contreras. A compreensão do queijo feito com leite cru como um produto artesanal, vinculado a um passado imaginado no qual teria sido menos tensa a relação entre saúde e alimentação, modela nos entrevistados um sentimento de nostalgia que parece atuar



no embaçamento dos riscos identificados, fortalecendo a integridade deste alimento como escolha segura. A dimensão hedônica do consumo (e da produção) de um produto experiente (que teria sobrevivido ao longo de séculos de história) e diferenciado no que tange as suas características organolépticas também ressalta nas falas analisadas, mediando tensões alimentares. Como deleite e fruto da intersubjetividade, o prazer gustativo transforma a passividade em sensibilidade ativa, mobilizando memórias, imaginários e pertencimentos que atuam na composição do queijo em estudo como comida confiável.

[Trabalho completo](#)



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:



Apoio:



Organização:

